

Prova de Acesso aos Cursos de Licenciatura da Escola Superior de Comunicação Social para Maiores de 23 Anos

Prova Teórica de Avaliação de Português

Prova-Modelo

Duração: 120 minutos.

Prova sem consulta.

Um dos principais fatores de ponderação na classificação das suas respostas é a respetiva adequação às normas gramaticais da língua portuguesa (ortografia, pontuação, construção frásica, propriedade vocabular). Redija-as, portanto, de forma cuidada.

Deve assegurar-se de que a sua caligrafia é facilmente decifrável. Em caso de dúvida sobre a forma como uma palavra está escrita, assume-se que ela está mal escrita.

Nome _____

Curso a que se candidata _____

I

[8 valores]

Leia atentamente o seguinte texto:

Da língua como pátria

Há vários anos, uma frase de Pessoa a respeito da sua relação individual com a língua em que se tornou célebre tornou-se citação obrigatória. Por sua vez, a mesma citação converteu-se numa litania repetida através do espaço da língua portuguesa, ao mesmo tempo como assimilação de «língua» e «pátria» e como sacralização desse laço indissociável. Toda a gente conhece a frase de Pessoa: «A minha pátria é a língua portuguesa.» Claro está que o autor do *Livro do Desassossego*, em geral tão irónico, não teria sido tão perentório se o seu intento tivesse sido apenas o de sublinhar a veneração que merecia a seus olhos aquela língua – para mais língua «meio» escolhida – em que escrevia os seus poemas e sonhava o mundo. Na verdade, o que Pessoa queria dizer foi que, à parte a língua portuguesa, universo por assim dizer imaterial do qual extraía a matéria dos seus sonhos e nele inventava um mundo fora do mundo, ele não tinha *pátria*. Quer dizer, pátria no mero sentido «patriótico» e, de algum modo, anedótico do termo.

O homem que pensou que o lugar onde se nasce é o lugar onde mais por acaso se está não iria converter esse dado natural em dado mítico, de transcendente significação. Parecer-lhe-ia um ato sem alcance, mera aceitação narcísica de um acontecimento empírico. Mitologia por mitologia, antes a universal na sua obscura

particularidade – ser da rua dos Douradores como a humanidade inteira – ou a puramente privada e inventada como enraizamento pontual e ficcional: «A aldeia em que nasci foi o largo de S. Carlos.» Isto não abre para nacionalismos tribais, para patriotismos de exclusão da universalidade alheia. A nossa relação com a língua é de outra natureza e é outra a pátria que nela temos ou donde somos. Por isso a tão famosa frase quer dizer apenas: *a língua portuguesa*, esta língua que me fala antes que a saiba falar, mas, acima de tudo, esta língua que através de mim se torna uma realidade não só viva mas única, a língua através da qual me invento Fernando Pessoa, é ela a *minha pátria*.

Alguém disse alguma vez coisa diferente? Por que motivo conferir à frase de Pessoa uma ressonância particular? Os homens não souberam sempre que a sua «pátria» era, antes de tudo, a sua língua? O que os institui na diferença que é identidade, ao mesmo tempo fonte da impossibilidade de comunicar com os outros e da pertença ou aderência ao que lhes é mais íntimo, acaso indizível, senão as suas línguas? Desde Babel – maldição convertida em exaltação – qual o povo que não é, antes de mais, a língua em que a si mesmo se fala e tenta falar com os outros, encerrados como ele na esfera autotransparente e opaca que é o universo de cada língua? Definir uma «pátria», ou outrora um grupo humano, uma tribo, por uma língua significa visar o sinal por excelência da distinção que nos assinala como semelhante àqueles que falam a nossa língua e como outro para aquelas que a não compreendem.

Eduardo Lourenço, *A Nau de Ícaro*

Responda às perguntas seguintes:

1. Esclareça o sentido da frase «O homem que pensou que o lugar onde se nasce é o lugar onde mais por acaso se está não iria converter esse dado natural em dado mítico, de transcendente significação.» (linhas 11-12) [2 valores]
2. Como interpreta o passo «Mitologia por mitologia, antes a universal na sua obscura particularidade – ser da rua dos Douradores como a humanidade inteira»? (linhas 13-14) [2 valores]
3. Por que razão afirma o autor que o universo de cada língua é uma «esfera autotransparente e opaca»? (linhas 26-27) [2 valores]
4. Sintetize aquele que, segundo Eduardo Lourenço, é o verdadeiro significado da célebre frase de Pessoa «A minha pátria é a língua portuguesa». [2 valores]

II

[7 valores]

No discurso que proferiu na cerimónia de entrega do Prémio Nobel da Literatura, José Saramago manifestou a sua indignação pelo facto de se canalizarem somas astronómicas para a exploração espacial enquanto milhões de pessoas morrem de fome na Terra: «Neste meio século não parece que os Governos tenham feito pelos direitos humanos tudo aquilo a que moralmente estavam obrigados. As injustiças multiplicam-se, as desigualdades agravam-se, a ignorância cresce, a miséria alastra. A mesma esquizofrénica humanidade capaz de enviar instrumentos a um planeta para estudar a composição das suas rochas assiste indiferente à morte de milhões de pessoas pela fome. Chega-se mais facilmente a Marte do que ao nosso próprio semelhante.»

Redija um texto expositivo-argumentativo no qual tome uma posição perante as afirmações de Saramago. (O texto deverá ter entre 350 e 450 palavras.)

III

[5 valores]

1. Corrija os erros que encontrar nas seguintes frases, introduzindo o menor número possível de alterações (note que poderá haver frases sem erros).

- a) Sempre que fui confrontado com declarações infelizes, absti-me de as comentar.
- b) Em março deste ano haviam 87 pequenas e médias empresas à beira da falência.
- c) Provavelmente, se fizésse-mos sempre aquilo que nos apetece, a vida tornaria-se impossível.
- d) Os especialistas em economia defendem que, mesmo em períodos de crise, por vezes é preferível correr riscos a estagnar.
- e) Não à maneira de conseguir chegar a uma interpretação defenitiva do sonho que tive esta noite.
- f) A probabilidade do preço dos combustíveis vir a baixar substancialmente nos próximos tempos é escassa.
- g) Os pequenos agricultores do nordeste transmontano, lutam com grandes dificuldades para manter as suas explorações. Tratam-se, na sua maioria, de culturas que não têm escoamento comercial, dada a forte concorrência dos agricultores espanhóis. Segundo o porta-voz da APANT (Associação dos Pequenos Agricultores do Nordeste Transmontano), deveriam haver subsídios que incentivassem os produtores a investir rapidamente na reconversão das suas explorações agrícolas.